

DIREITO E ALTERIDADE – O SER E O OUTRO

Márcia Berião Cesar¹

RESUMO

O presente artigo baseia-se no mito da criação do homem encontrado no livro intitulado Protágoras, de Platão, e visa abordar o tema alteridade como ponto essencial à sustentação da vida no planeta Terra. Todos os seres, e cada um em especial, contribuem para que o sistema se sustente e conseqüentemente a vida de todos os seus componentes, inclusive a vida humana. O ser humano comumente gravita, em torno de si mesmo e de seus interesses imediatos, postergando as conseqüências de seu alto poder destrutivo, de seu comportamento imaturo e egoísta, como se estas nunca o fossem atingir. Carece do sentido de justiça para coabitar harmonicamente com seus semelhantes, ficando ainda mais distante do ideal de respeitar os demais seres diferentes de sua espécie. Torna-se imprescindível transpor o véu e enxergar além de si mesmo, a intrincada e tênue rede, onde uma força invisível, mas perceptível, mantém o equilíbrio do meio em que vivemos. Aborda-se o desafio humano de superar o ego aproximando-se de sua essência e o papel fundamental da concepção de alteridade nesse processo, a fim de que seja possível existir um ambiente mais harmônico de vida sustentável.

Palavras-chave: Dignidade da Pessoa Humana, Alteridade, Ser, Outro, o Todo (Unidade).

ABSTRACT

This article, based on the myth of creation of man found in the book entitled Protogoras, from Plato, aims to address the issue of otherness at the very sustenance of life on planet Earth. All beings, and each one in particular, contribute to the system and thus sustain the life of all its components, including human life. Humans usually gravitate around itself and its immediate interests, delaying the consequences of its high destructive power, his immature and selfish behavior, as if they were never reach. Lacks the sense of justice to coexist harmoniously with their peers, becoming even more distant from the ideal of respecting other beings other than their own kind. It is essential to overpass the veil and look beyond yourself, the intricate and tenuous network, where an invisible force, but noticeable, maintains the balance of the environment in which we live. It addresses the challenge of overcoming the human ego approaching its essence and role of the concept of

1- Bacharelanda da Faculdade de Direito de Valença, Pesquisadora Concursada do Núcleo de Pesquisa FDV-FAPERJ.

otherness in the process, so that there can be a more harmonious environment for sustainable living.

Keywords: Dignity of the Human Person, Otherness, Self, Other, Oneness.

Segundo Protágoras, filósofo grego, 480 a.C. – 410 a.C., “o homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são, das coisas que não são, enquanto não são.”² Este axioma revela o subjetivismo, a maneira particular que cada indivíduo tem de conceber tudo o que existe, inclusive a si mesmo.

Os esforços no sentido de encontrar uma parcela, mesmo que mínima, que represente uma essência comum a toda pessoa humana, encontra resistência decorrente dessa própria natureza humana, tão diversa.

Partimos, então, do pensamento de que o homem precisa caminhar ao encontro de uma concepção de si mesmo primordialmente, e a partir dela, tentar conceber o Outro. Essa forma de pensar já nos foi revelada muitas vezes desde a antiguidade. Sócrates a encontrou na inscrição à entrada do Templo de Apolo: “*Conhece-te a ti mesmo*”.³ Uma orientação aparentemente simples de ser alcançada, mas quase impossível se buscada de forma verdadeira e com base numa análise mais profunda. Se o homem é quem concebe tudo o que existe, inclusive a si mesmo, como já dito anteriormente, sua visão de si mesmo partirá dos recursos próprios, subjetivos, de que dispõe para elaborar sua autoconcepção. O que ocorre é que se tais dispositivos internos, com os quais a pessoa humana construirá sua autoimagem, estiverem comprometidos a partir de crenças e valores equivocados, conseqüentemente construirá uma falsa imagem de si e dos Outros. Diversas passagens da história humana nos revelam como o homem pode se distanciar da verdadeira busca de sua essência. As atitudes brutais contra seus semelhantes, comportamentos de grave intolerância e preconceitos, todas as barbáries humanas dão conta do quanto a humanidade esteve mergulhada na ignorância de si mesma.

2- Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/escola/sofistas/protagoras.htm>>. Acesso em: 21 jun 2011.

3- Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/filosofia/conhece-te-a-ti-mesmo.jhtm>>. Acesso em: 21 jun 2011.

Essa busca pelo ponto de interseção entre a parcela de dignidade mínima que teoricamente todos os seres humanos compartilhariam, e, no momento atual, também entre os seres humanos e os demais seres deste planeta, se justifica de diversas formas, como nesses dois pontos cruciais: primeiro para que possamos conviver harmonicamente uns com os outros e o segundo, intimamente ligado ao primeiro e extremamente relevante: para que possamos garantir a continuidade da vida neste planeta, incluindo a nossa e sem excluir nenhuma outra.

A importância da convivência harmônica foi tema abordado no livro de Platão, intitulado *Protágoras*, há mais de dois mil anos atrás. Nele o filósofo Sócrates dialoga com o sofista que dá nome ao livro.⁴ Na passagem que se segue (320c – 328c) o filósofo grego Protágoras fala a Sócrates sobre o mito da criação do homem e sobre como as diversas criaturas da Terra receberam competências e qualidades. Protágoras defende a idéia de que as virtudes podem ser ensinadas enquanto Sócrates entende que as virtudes não podem ser aprendidas por serem inatas.⁵

Segundo conta Protágoras, houve uma época em que existiam somente os deuses e não havia ainda as raças mortais.⁶ Quando chegou, então, o momento destinado ao seu nascimento, os deuses modelaram-nas, no interior da terra, misturando terra e fogo e os elementos que com estes se combinam. Quando estavam prontas para ser conduzidas para a luz do dia, os deuses encarregaram Prometeu e Epimeteu de organizá-las e de atribuir a cada uma delas capacidades que as distinguissem. Epimeteu pediu, então, a Prometeu que o deixasse fazer essa distribuição. “Depois de eu a ter feito”, disse, “tu passas-lhes uma revista”. Epimeteu preocupou-se em realizar o trabalho de distribuição das qualidades de forma a garantir a sobrevivência das diferentes espécies.⁷

Assim, às espécies que Epimeteu atribuiu velocidade não concedeu a força, sendo que as que foram premiadas com a força, não foram dotadas de velocidade, evitando, dessa maneira, que se extinguissem. Àqueles que contemplou com a

4- PLATÃO. *Protágoras*. Relógio D'água/Editores Portugal, 2001.

5- Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/protogoras/texto/t5.htm>>. Acesso em: 21 jun 2011.

6- Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/protogoras/texto/t6.htm>>. Acesso em: 21 jun 2011.

7- Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/protogoras/texto/t6.htm>>. Acesso em: 21 jun 2011.

pequenez, deu-lhes a possibilidade de fugirem voando ou uma habitação subterrânea, e aos que fez grandes em tamanho salvou-os com esta mesma atribuição.⁸

O irmão de Prometeu foi atento às mudanças climáticas equipando os animais para resistir a elas, alguns com carapaças, outros com peles. Calçou uns com cascos e outros com couro grosso e sem sangue.⁹

Não se esqueceu também da alimentação, determinando que cada espécie consumiria o seu próprio alimento vegetal. A alguns destinou os pastos da terra, para outros, ainda, frutos das árvores e para os restantes, raízes. Quanto aos carnívoros, ficou decidido que os devoradores teriam menos filhotes que os devorados, de modo que não faltasse alimento para os primeiros e que os últimos, sendo em maior número, continuassem existindo.

Epimeteu teria feito um ótimo trabalho não fosse por um detalhe que, ao ser percebido o deixou desolado: distribuíra aos animais irracionais todas as habilidades de que ele poderia dispor, não tendo sobrado nenhuma para o ser humano. Com todas as qualidades esgotadas não havia o que dar ao homem e sua existência não seria possível, uma vez que se encontrava nu, descalço, sem abrigo e sem defesa. Sua preocupação não era infundada, já que estava próximo o dia marcado para que o homem saísse do interior da terra para a luz do dia.

Foi com essa cena que se deparou Prometeu quando chegou para inspecionar a distribuição feita por seu irmão. Enquanto as outras espécies estavam convenientemente providas de tudo quanto necessitam, o homem não teria chance de sobrevivência.

Sem encontrar qualquer outra solução, Prometeu, visando à sobrevivência humana, resolveu buscar características entre os próprios deuses e concedê-las aos homens. Foi assim que subiu ao Olimpo e pegou de Hefesto os atributos do fogo e de Atena a sabedoria das demais artes técnicas e inventividade para criar meios próprios de sobrevivência.¹⁰

8- Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/protagoras/texto/t6.htm>>. Acesso em: 21 jun 2011.

9- Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/protagoras/texto/t6.htm>>. Acesso em: 21 jun 2011.

10- Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/protagoras/texto/t6.htm>>. Acesso em: 21 jun 2011.

Por conta de um ato ilícito, o homem participa da herança divina e, devido ao parentesco, foi o único dos animais a acreditar neles, enquanto Prometeu foi perseguido pelos deuses.

O homem dotado das habilidades tomadas dos deuses foi capaz de buscar alimentos, construir abrigos, proteger-se das intempéries.

Um ponto interessante é revelado nessa altura, quando o homem, inicialmente desfavorecido, adquire habilidades antes reservadas somente aos deuses passando a interferir na natureza. A desigualdade provocada pelo erro de Epimeteu na distribuição das habilidades caminha para o equilíbrio quando o homem toma posse dessa centelha divina, tendo o fogo como símbolo do espírito e as artes, como símbolos da capacidade de transformação do mundo.

Mas a falta de certas aptidões compensadas pelo fogo e pela inteligência, no entanto, não impediam que os homens morressem sob ataques de animais selvagens, nascendo assim, a necessidade de que estes se agrupassem. Procuram então associar-se e proteger-se em cidades, mas ao procederem desta forma, tratavam-se injustamente uns aos outros, já que não possuíam o sentido de justiça (dikê) e respeito mútuo, por si e pelos outros, atributos integrantes da arte de gerir a cidade (aretê), de modo que, novamente dispersos, se iam destruindo...¹¹

Zeus, então, inquieto, para que nossa espécie não desaparecesse de todo, ordenou a Hermes que levasse aos homens dignidade pessoal (aidos) e justiça, para que houvesse na cidade ordem e laços que suscitassem a amizade. Hermes perguntou a Zeus sobre como deveria distribuir tais atributos, se da mesma forma que a habilidade técnica ou se deveria distribuí-los a todos. A habilidade técnica não fora dada a todos indistintamente, mas sim na proporção de um especialista para um grupo mais ou menos numeroso de leigos, como ocorrido com a habilidade da medicina, por exemplo: um médico atende um grupo de vários leigos. Zeus respondeu categoricamente que Hermes deveria distribuir esses predicados, que constituem a arte política, a todos, pois caso contrário, se apenas alguns fossem nela instruídos, não haveria harmonia social, e a espécie humana acabaria por desaparecer da face da Terra. O pai dos deuses recomendou mesmo a seu mensageiro que instituísse inclusive a pena de morte para todo aquele que se revelasse incapaz de praticar a arte política, pois ele seria como que o incitador de

11- Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/protagoras/texto/t6.htm>>. Acesso em: 04 abr 2011.

desarmonia. Seria essa a saída encontrada para que toda a humanidade não sucumbisse.

O texto de Platão nos possibilita várias leituras que sem dúvida merecem atenção e aprofundamento, mas no momento, voltaremos nosso olhar a dois pontos: inicialmente o homem, privilegiadamente em relação aos demais seres do planeta, recebeu atributos divinos identificados como a inteligência e a capacidade de produzir meios de sobrevivência. Mas, ainda assim, a humanidade continuava vulnerável, emergindo daí um segundo ponto a ser resolvido: o “*in-dividuo*” precisava aprender a dividir, precisava “*con-viver*” para continuar existindo, o que em si representa intrinsecamente um grande desafio. O próprio substantivo *indivíduo* pode revelar, como disse, intrinsecamente, a característica desafiadora que traz em si: o céu e o inferno da humanidade, a necessidade de permanecer “um”, manter sua individualidade sem ser egoisticamente indiferente aos demais habitantes do planeta. A figura do outro se torna essencial nesse processo, disputando espaço com o ego do indivíduo, ser único em si mesmo, em seu “*uni-verso*”, ao mesmo tempo uno e diverso, ou talvez, único em suas diversidades, ou, ainda, um e seu verso – o outro.

O outro se coloca como condição indispensável à perpetuação da vida humana e, paradoxalmente, representa o maior desafio quando o objetivo almejado é uma sociedade harmônica.

O texto de Platão, na passagem em que Zeus é questionado por Hermes quanto à forma de distribuição dos atributos pertinentes à arte política, deixa claro que todos deveriam receber tais dons. Somente desta forma os homens poderiam respeitar-se mutuamente, respeito esse que é base para a dignidade humana e para a justiça.

O homem, não tendo superado sua visão egocêntrica, postergou sua evolução, ou não haveria por toda história humana tanta disputa pelo poder. Não consegue, ainda, conferir ao outro o mesmo tratamento que gostaria de ter para si, assim, não pode “*conhecer-se a si mesmo*” já que a chave é o outro.

Os homens de todos os tempos, incluindo nós mesmos, não podem entender o princípio da Alteridade sem que o ego abra caminho para a aproximação com nossa essência. É necessário entender através de tal princípio que ora promovemos as ações e ora as recebemos; que ora somos a causa e ora nos defrontamos com

as consequências numa corrente contínua, que ora nos coloca num polo, ora no outro. Ora somos o ser, ora somos o outro, todos ligados por uma teia, uma tecitura invisível.

Diante de nossa falha em conviver, o Direito ganha importância na busca do equilíbrio entre os homens, dizendo ele qual é a Justiça, uma vez que a capacidade essencial de cada um de fazê-lo por si mesmo foi mal aproveitada, no que diz respeito a maior parte das pessoas. Mesmo ele, o Direito, não pode alcançar a plenitude a que se propõe, promover a Justiça, uma vez que suas regras são ditadas e aplicadas pela humanidade, a mesma humanidade que falhou miseravelmente em ser justa ao longo de nossa história e a mesma que precisa, ainda hoje, achar meios de continuar existindo.

A natureza paradoxal humana foi tema de pensadores desde a antiguidade, questionamento que se estendeu por séculos, como podemos constatar nas obras de vários autores da modernidade, como Kant:

“Kant vê o homem enquanto ser racional, capaz e responsável por seus próprios atos, consciente de seus próprios deveres, que lhe são impostos por ele mesmo (por sua natureza racional) no sentido de uma autolegislação. O homem é um ser moral, capaz de deveres, embora a obediência a estes deveres signifique nada mais do que obedecer a si mesmo, enquanto razão prática legisladora. No entanto, segundo Kant, o homem é também um ser natural, sujeito aos caprichos da natureza, com fome, sede, desejo, etc. Essas vicissitudes influem no ser moral, fazendo com que os valores morais não sejam espontâneos, logo, precisam assumir a condição de dever.”¹²

O desafio do progresso humano em direção a uma sociedade mais justa e harmônica para todos passa pela compreensão do princípio “Alter” que traz intrinsecamente o movimento, sem o qual não se pode alcançar seu sentido. Trata-se do movimento que devemos promover em direção ao outro, que é como nós, um indivíduo em seu “uni-verso”, que possui uma diversidade em si mesmo e uma essência divina. A busca pela essência passa, sob este prisma, pelo acolhimento das diversidades, transpondo nossos próprios paradigmas, ultrapassando a individualização em direção à integralização, desvelando a nós mesmos.

Assim, a relação consigo mesmo e com o outro são dois aspectos interligados. Encontramo-nos emaranhados uns aos outros de tal forma, que a

12- MELLO, C.M. Introdução à Filosofia do Direito, à Metodologia da Ciência do Direito e Hermenêutica Contemporânea. Rio de Janeiro: Freiras Bastos, 2008, p. XXIII.
Saber Digital, v. 3, n. 1, p. 102-111, 2010

atuação de cada um pode colocar-se em relação ao outro ora como causa, ora como consequência.

O ponto relatado logo no início do discurso de Platão trata das habilidades técnicas humanas e da inteligência, ressaltando-se que inteligência não significa sabedoria, tendo o homem herdado a primeira e ficando ao seu encargo alcançar esta última.

O poder de interferência humana na natureza a partir das dádivas prometeicas, atributos divinos conferidos aos homens, a arte convivência, da qual este não pode prescindir e as exigências que a natureza ora nos impõe, em proporções cada vez maiores, apresentam a necessidade cada vez mais premente de o ser humano ultrapassar a história limitante e equivocada que escreveu para si mesmo.

A responsabilidade humana com o nosso planeta, ignorada sistematicamente por gerações é cobrada em alto preço neste momento em que a natureza, violada em seu equilíbrio, dá mostras de seu desgaste e revela ser muito real a possibilidade de tornar impossível a continuidade da vida humana na Terra. Uma mudança “requer expansão não apenas de nossas percepções e maneiras de pensar, mas também de valores; (...) se enfatizarmos em excesso as tendências auto afirmativas, negligenciaremos as integrativas”¹³

O homem deveria ter aprendido a lidar com suas capacidades de modo consciente e respeitoso com o todo do qual faz parte. Deveria ter, no exercício de suas experiências humanas, caminhado para o autoconhecimento permeado pela integralização, pelo respeito e reconhecimento ao outro, mesmo que este pertencesse a outra cultura e que apresentasse modo de pensar muito diverso do que lhe fosse peculiar. Hoje, ainda não tendo alcançado tais valores, vê a perpetuação de sua existência iminentemente ameaçada.

A concepção de alteridade, sequer alcançada de modo satisfatório entre nós, deve ser ainda ampliada. O “outro”, merecedor de nosso respeito, não deve ser somente o outro ser humano, mas tudo mais em nosso sistema além de nós mesmos, a flora, a fauna, a água, o ar e o restante do reino mineral. Todos nós, seres deste planeta, pertencemos a esta teia invisível que nos permite existir, mas que se mostra intolerante com os abusos. Alcançamos um ponto crucial onde é

13- CAPRA, F. A Teia da Vida. São Paulo: Cultrix, 2003, p. 27.
Saber Digital, v. 3, n. 1, p. 102-111, 2010

preciso escolher entre continuar a trajetória de ignorância ou encontrar meios de mudar nossos paradigmas. Impossível será a busca pela dignidade humana sem que haja humanidade, como é impossível falar-se em direito sem que haja vida.

A crise financeira de um país reflete nos outros, mesmo que separados por um oceano. A descoberta de um medicamento novo revoluciona o tratamento de determinada doença, não importando que língua fale o paciente. Queimadas de grandes áreas verdes, desmatamentos desenfreados, emissão de poluentes e outras atitudes insensatas aumentam o aquecimento global, o que pode ser sentido por todos os habitantes do planeta, mesmo por aqueles que não tenham contribuído para isso.

A história registra e não há quem ignore as implicações de uma guerra. Fenômenos climáticos modificam o curso da história.

Terremotos alteram o eixo terrestre. O ocorrido em onze de março de 2011 no Japão, onde ondas de mais de sete metros varreram a província de Fukushima, deslocou o eixo da Terra 10 centímetros.¹⁴

Analisando os efeitos desse tipo de deslocamento, a NASA afirma que pode haver uma redução na duração dos dias na Terra. Essa alteração se refere ao eixo em torno do qual a massa terrestre se equilibra, e não o eixo Norte-Sul.

O cientista Richard Gross disse que o terremoto de 9,1 que atingiu a ilha indonésia de Sumatra em 2004 pode ter reduzido a duração dos dias na Terra em 6,8 microssegundos e alterado o eixo do planeta em sete centímetros.¹⁵

Não há outro meio senão entendermos de uma vez que nós estamos para o Todo, assim como o Todo está para cada um de nós.

Que a almejada dignidade da pessoa humana amplie-se para a dignidade de todos os seres e que através da alteridade possamos, enfim, conhecer-nos a nós mesmos.

14 - Revista ÉPOCA. 14 de março de 2011. Edição 669.

15- Disponível em: <<http://moglibo.globo.com/integra.asp?txtUrl=/mundo/mat/2010/03/02/terremoto-no-chile-pode-alterar-duracao-dos-dias-eixo-da-terra-diz-nasa-915970571.asp>>. Acesso em: 02 ago 2001.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/escola/sofistas/protogoras.htm>>. Acesso em: 21 jun 2011.

Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/filosofia/conhece-te-a-ti-mesmo.jhtm>>. Acesso em: 21 jun 2011.

PLATÃO. Protágoras. Relógio D'água/Editores Portugal, 2001. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/protogoras/texto/t5.htm>>. Acesso em: 21 jun 2011.

Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/protogoras/texto/t6.htm>>. Acesso em: 04 abr 2011.

MELLO, C.M. **Introdução à Filosofia do Direito, à Metodologia da Ciência do Direito e Hermenêutica Contemporânea.** Rio de Janeiro: Freiras Bastos, 2008, p. XXIII.

CAPRA, F. A Teia da Vida. São Paulo: Cultrix, 2003, p. 27. **Revista ÉPOCA.** 14 de março de 2011. Edição 669 Disponível em: <<http://moglibo.globo.com/integra.asp?txtUrl=/mundo/mat/2010/03/02/terremoto-no-chile-pode-alterar-duracao-dos-dias-eixo-da-terra-diz-nasa-915970571.asp>> . Acesso em: 02 ago 2001.